

# SEXUALIDADE: O QUE PENSAM ALUNOS E PAIS DE ALUNOS SOBRE OS TEMAS QUE DEVEM SER ABORDADOS NA ESCOLA.

Márcia de Oliveira Menezes<sup>1</sup>  
Andréa Carla Leite Chaves<sup>2</sup>

<sup>1</sup> PUC-MG. Acadêmica do Mestrado em Ensino de Biologia. E-mail: marciaomenezes@yahoo.com.br

<sup>2</sup> PUC-MG. Profa. Dra. do Mestrado em Ensino de Biologia. E-mail: andreacarlachaves@gmail.com

## Resumo

Este estudo objetivou averiguar os temas relacionados à sexualidade que professores, alunos e pais e/ou responsáveis de alunos gostariam que fossem abordados na escola por meio da Orientação Sexual (OS). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em andamento. Os dados foram coletados por meio da aplicação de questionários para os alunos do 6º ao 9º ano de uma Escola Pública de Vitória da Conquista, Bahia e, pais dos alunos que estão respondendo ao questionário durante as reuniões da escola. A investigação com os professores está sendo refeita em virtude da mudança no quadro docente da referida escola. Até o momento, a análise dos dados revela que a OS é pouco abordada na escola e que os temas em destaque pelos alunos foram namoro, “ficar” e iniciação sexual, enquanto para os pais e/ou responsáveis, as doenças sexualmente transmissíveis (DST); abuso sexual; prostituição e violência sexual foram os mais citados.

**Palavras-chaves:** Orientação sexual, alunos, pais de alunos.

## Abstract

This study aimed at investigating the issues related to sexuality that teachers, pupils and parents and / or guardians of students would like to see addressed in school by Sexual Orientation (SO). This is a qualitative research in progress. Data were collected by means of questionnaires for students from 6th to 9th grade in a public school in Vitória da Conquista, Bahia, and parents of students who are responding to the questionnaire during school meetings. Research with teachers being redone due to changes in the teaching staff of that school. So far, the analysis of the data reveals that the OS is rarely addressed in school and that the issues highlighted by the students were dating, "stay" and sexual initiation, while for parents and / or guardians, sexually transmitted diseases (STD ), sexual abuse, prostitution and sexual violence were the most frequent.

**Keywords:** Sexual orientation, students, parents of students.

## Introdução

A sexualidade é um tema “polêmico” e necessário para se trabalhar nas escolas. Polêmico porque ainda carrega tabus, preconceitos e mitos que precisam ser considerados e necessários porque vem sendo abordado somente de maneira biológica, enfatizando apenas a anatomia e o funcionamento dos Sistemas Reprodutores do homem e da mulher e as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's).

A sexualidade é, sobretudo, uma *construção* que envolve um processo contínuo, e não linear, de aprendizado e reflexão por meio do qual, entre outras coisas, elaboramos a percepção de quem somos (CARRARA, *et al* 2009).

Nesta perspectiva, Louro (2007) afirma que podemos entender que “a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções [...] Processos profundamente culturais e plurais”, portanto não há nada de natural nisso e nem acontece da mesma forma com todas as pessoas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB nº 9394/96 estabelece que “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania” [...]. No seu Art. 3º apresenta os princípios nos quais o ensino deverá se basear quando estabelece “o respeito à liberdade e apreço à tolerância” (BRASIL, 1996).

Assim, os Temas Transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – (PCN’s) estabelecem a sexualidade como tema integrador que deve permear todo campo pedagógico por meio das diversas disciplinas e sugere o trabalho por meio de projetos. Além disso, este documento preconiza a promoção de reflexões e discussões com professores, pais, responsáveis, equipe pedagógica no sentido de envolver toda a comunidade escolar. Para os PCN’s a orientação sexual na escola é um dos fatores que contribui para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos. E o seu trabalho na escola se faz de forma transversal, problematizando, questionando, debatendo os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, ampliando o leque de conhecimentos e de opções para que o próprio aluno escolha seu caminho (BRASIL, 2000).

Segundo a orientação sexual proposta nos PCN’s, a sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela invade a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles (BRASIL, 2000).

A escola, portanto, é um lugar propício para promover a orientação sexual, pela responsabilidade desta instituição na educação dos alunos em colaboração com a família e, também, como destacam Jardim e Brêtas (2006) a escola é um ambiente em que o adolescente passa grande parte da sua vida e é um dos principais elementos para contatos interpessoais, “deve contribuir para o desenvolvimento de uma educação sexual que promova no adolescente senso de auto-responsabilidade e compromisso com a sua própria sexualidade”.

A abordagem da temática sexualidade na escola tem ligação direta com a história de vida dos indivíduos (VITALLE, 2003). As aulas sobre o tema sexualidade, de acordo Vitiello (1995), devem ser ministradas por meio de metodologias participativas e dialógicas, baseadas na realidade sociocultural e desenvolvidas com criatividade intimista e lúdica.

Diante das considerações apresentadas, a escola, portanto, é um lugar propício para promover a orientação sexual, pela responsabilidade desta instituição na educação dos alunos em colaboração com a família e, também, como destacam Jardim e Brêtas (2007) é um ambiente em que o adolescente passa grande parte da sua vida e é um dos principais elementos para contatos interpessoais,

A importância em investigar os temas que os alunos e pais de alunos julgam importantes para ser abordado na orientação sexual da escola favorece a um enfoque mais significativo uma vez que parte das sugestões dos próprios alunos e “deve contribuir para o desenvolvimento de uma educação sexual que promova no adolescente senso de auto-responsabilidade e compromisso com a sua própria sexualidade” (JARDIM E BRÊTAS, 2006).

### **Procedimentos**

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e terá como base a interpretação de fenômenos e a atribuição de significados na análise dos resultados, pois para Neves (1996), a pesquisa qualitativa é direcionada de acordo com o andamento do trabalho e envolve o uso de técnicas padronizadas diferenciadas de coleta de dados, assumindo, portanto, a forma de levantamento para posterior aplicação. Portanto, será utilizado o questionário para coleta de dados.

A natureza da pesquisa se constitui como um estudo de caso no qual é escolhido um ambiente específico para o levantamento dos mesmos conforme afirma Gil (1991), “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento [...]”.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal José Mozart Tanajura, situada em Vitória da Conquista, no Sudoeste da Bahia. Participaram deste estudo 118 alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II e 60 pais, mães e/ou responsáveis de alunos.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário porque de acordo Gil (1991) é uma ferramenta de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas aos sujeitos da pesquisa com o intuito de coletar informações sobre conhecimentos, crenças, interesses, entre outros. Além disso, permite atingir um grande número de pessoas ao mesmo tempo.

Portanto, nesta pesquisa, utilizou-se um questionário composto por 02 questões objetivas, seguidas de um espaço aberto para expor sua opinião. Assim, para os alunos iniciou com a sondagem sobre a existência ou não da Orientação Sexual na escola e como a mesma é trabalhada. Em seguida foi apresentada uma série de possibilidades de temas relacionados à sexualidade com o objetivo de que os alunos pudessem escolher aqueles que mais lhes interessam. Para os pais e/ou

responsáveis a sondagem inicial foi saber a opinião deles para que o tema seja ou não trabalhado na escola onde seus filhos estudam, seguidos também de diversas possibilidades referentes ao tema que eles consideram importantes seus filhos aprenderem.

Os objetivos da pesquisa foram explicados antes da coleta de dados, bem como a importância da colaboração da participação de todos na investigação, informando, naquele momento, o direito a liberdade de não participar e a preservação do anonimato.

Aqueles que concordaram em participar da pesquisa assinaram ao termo de consentimento após ter sido lido e explicado.

Vale destacar que a opinião dos professores que lecionam na escola onde a pesquisa está sendo feita também serão consideradas e é de grande relevância no desenvolvimento desta pesquisa, entretanto devido a grande mudança no quadro de professores entre os anos de 2012 e 2013, a pesquisa com os mesmos está sendo iniciada e os dados estão ainda em fase de aplicação.

## Resultados

Os dados da tabela 01 revelam o perfil dos alunos que participaram da pesquisa em relação à idade e sexo. Dos 118 alunos que responderam ao questionário 56 são do sexo masculino e 62 são do sexo feminino. A faixa etária deles compreende dos 11 aos 12 anos (22,88%), dos 13 aos 14 anos (58,47%) e dos 15 aos 16 anos (17,80%). Apenas 01 aluno não informou a idade.

**Tabela 01- Perfil dos alunos do turno matutino do 6º ao 9º ano da Escola Municipal José Mozart Tanajura**

<b>SEXO</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
FEMININO	62	52,54
MASCULINO	56	47,46
<b>IDADE</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
11 – 12 anos	27	22,88
13 - 14 anos	69	58,47
15 – 16 anos	21	17,80

Percebem-se nos dados acima que todos os alunos são adolescentes, de acordo a Organização Mundial de Saúde (OMS) “a adolescência inicia a partir dos 10 anos de idade” e é nesta fase que ocorre a capacidade de procriação (maturação sexual), portanto, a manifestação das características sexuais secundárias, conhecida como fase da puberdade e que normalmente ocorre entre os 10 e 13 anos para as meninas e 12 e 14 anos para os meninos.

Em relação à abordagem da Orientação Sexual na Escola, 77,97% alunos afirmaram que a OS não é abordada, enquanto que 17,80% alunos disseram que a OS é abordada na Escola e 4,24%

alunos não responderam. Dos estudantes que afirmaram a abordagem do tema, explicitaram a forma que o mesmo é abordado. Estes dados se encontram organizados na tabela 02.

**Tabela 02- A Orientação Sexual é Abordada na Sua Escola? Como?**

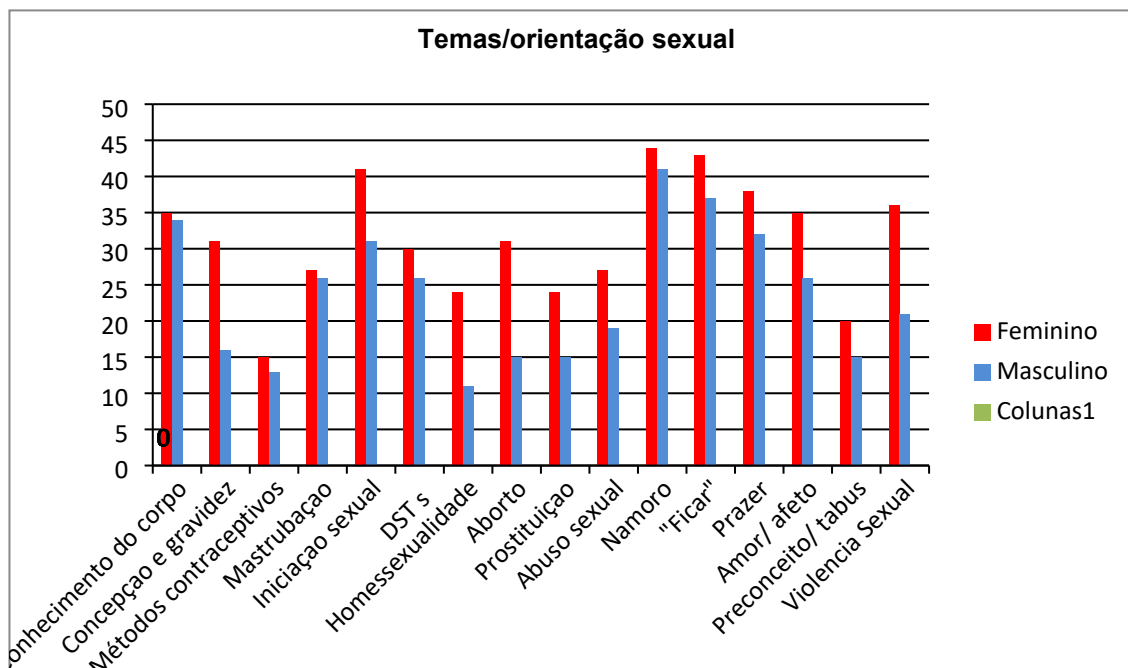
<b>A orientação sexual é abordada na escola?</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Sim	21	17,80
Não	92	77,97
Não respondeu	05	4,24
<b>De que forma a Orientação Sexual é abordada?</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Apenas no início	01	4,76
Aulas de ciências	02	9,52
Doenças transmitidas	01	4,76
Filmes	02	9,52
Palestras e aulas	06	28,57
Vídeos	03	14,28
Vídeos pornográficos	02	9,52

A Orientação Sexual na escola está sugerida no PCN, elaborados pelo Ministério da Educação e Cultura ( MEC), dando autonomia aos próprios estabelecimentos de ensino para decidirem a forma de abordagem desta temática. Entretanto, conforme pesquisa realizada no Município de Jandira, no Estado de São Paulo, Jardim e Brêtas (2006) afirmam que “as instituições de ensino enfrentam dificuldades para a inserção de novas práticas em educação sexual, e muitas vezes deixam de oferecer um espaço para que ocorram debates sobre sexualidade”.

Sobre a forma que os alunos destacaram para apresentação da temática, as palestras e aulas foram as mais citadas (28,58%). Em relação às palestras, estas são feitas de formas isoladas, geralmente realizadas por convidados e por serem “episódicas e desprovidas de continuidade”, raramente modificam atitudes. O que foi constatado também por Jardim e Brêtas (2006) em pesquisa realizada em que sugere inclusive que esta prática (palestras) “sejam restritas no processo de trabalho sobre sexualidade”.

A respeito dos temas que os alunos gostariam de aprender, os mais citados foram namoro, “ficar”, iniciação sexual e conhecimento do corpo. Estes estão dispostos no gráfico abaixo e apresentam bastante similaridade de interesse para ambos os sexos.

**Gráfico 1**  
 – Sobre  
 quais os  
 temas  
 você  
 gostaria  
 de  
 aprender  
 na  
 Orientaç  
 ão Sexual



Ao analisar o gráfico, verifica-se que namoro (70,97%), “ficar” (69,35%) e iniciação sexual (66,13%), são respectivamente os temas de maior curiosidade entre as meninas. Para os meninos, os temas que mais se destacaram foram: namoro (73,21%), “ficar” (66,07%) e conhecimento do corpo (60,71%), seguido de iniciação sexual (55,36%). Este também foi apontado com relevância pelas meninas, apresentando (56,45%). Portanto há uma similaridade em relação aos temas namoro e “ficar” em ambos os sexos. Este interesse nos temas citados também foi identificado em pesquisa realizada por Tonatto e Sapiro (2002) com jovens de uma escola privada em Porto Alegre (RS), quando destacaram que o “ficar” é um tipo de relacionamento em que os adolescentes procuram como forma de buscar a afirmação de um papel sexuado no grupo, e desse modo, buscar também uma identidade sexual. Constataram ainda que este tipo de relação fundamenta-se na atração física, no erotismo, na existência da “não exclusividade” e que estão intimamente ligadas as questões de gênero.

Em relação ao conhecimento do corpo, ainda segundo a pesquisa acima mencionada, os jovens que participaram da mesma, demonstraram a percepção de que “as modificações que estão ocorrendo na sua afetividade, valores e expectativas decorrem, também, de processos que estão promovendo a transformação do seu corpo em um corpo adulto, dotado de atributos sexualizantes”. Percebem também que o seu corpo é visto e/ou analisado pelos outros, exigindo, portanto, uma série de cuidados para ser aceito e desejado. Isto se justifica, pela preocupação com a aparência, pertinentes na adolescência e que estão associadas ainda aos discursos que proliferam na mídia (TONATTO e SAPIRO, 2002).

De acordo os dados, seguem na ordem de interesse pelos alunos do sexo feminino, os temas prazer (61,29%), amor e afeto (56,45%), aborto, concepção e gravidez obtiveram o mesmo percentual (50%). Aqueles pertencentes ao sexo masculino enfatizam na sequência: prazer (57,14%), iniciação sexual (55,36%), masturbação, amor e afeto que alcançaram a mesma percentagem (46,43%). Para o tema aborto há uma discrepância, pois somente (26,78%) tem interesse no tema, o que não ocorrem com as meninas em relação ao tema masturbação com percentual semelhante ao dos meninos (43,55%). Os temas citados são de grande importância para o trabalho de OS nas escolas, pois pesquisas demonstram que a atividade sexual se inicia cada vez mais precocemente. Nos anos 90 a idade da primeira relação sexual do sexo feminino era de 16 anos e que 70% das adolescentes com 19 anos tiveram pelo menos uma relação sexual. Em 2000, no Brasil, a média de idade da primeira relação sexual em meninas foi de 15 anos. Sobre isso, Vitalle *et al* (2007) informam que diversos fatores pode influenciar de modo atribulado na saúde sexual e reprodutiva da adolescente, como: a gravidez precoce , as doenças sexualmente transmissíveis (DST), os acidentes, a violência, os maus tratos, o uso de drogas e a evasão escolar.

Importante salientar que neste estudo, concepção e gravidez foram citadas (50%) pelas meninas e apenas (28,57%) pelos meninos, demonstrando que a preocupação com este tema é mais significativa entre as adolescentes, enquanto que as DST tiveram percentual parecido (48,39%) para o sexo feminino e (46,43%) para o masculino, portanto são temas que merecem atenção devido a iniciação sexual ocorrer cada vez mais cedo. Portanto, o exercício da sexualidade é complexo e merece a atenção da escola porque como afirmam Vitalle e colaboradores (2007) que:

“A sexualidade é, portanto elemento significante na formação da identidade da adolescente, manifestada por múltiplas identificações, como da imagem corporal, da descoberta do outro como objeto de amor ou desejo e da descoberta de si e das relações com os familiares, grupos e profissionais” (VITALLE et al, 2007, p.14).

Os métodos contraceptivos foram citados por apenas (24,19%) entre as meninas e (23,21%) entre os meninos, talvez esteja associado por ser um dos assuntos mais abordados nas aulas de sexualidade, uma vez que pesquisas com professores comprovam os métodos contraceptivos como

um dos temas mais importantes para ser trabalhado, conforme pesquisa realizada por Alves e Chaves (s/d) com professores de ciências da rede pública de Porteirinha/ MG ou como um dos temas mais fáceis para abordar na sala de aula, como comprova a pesquisa realizada por Brêtas e Jardim (2006) no município de Jandira/SP.

Em relação aos temas abuso sexual (43,55%) e violência sexual (58,06%), citados pelas meninas e respectivamente pelos meninos com percentual de (33,93%) e (37,5%), nota-se maior aproximação para a violência sexual, estes devam ser considerados na OS uma vez que dados comprovam através da pesquisa de Santos (S/D) que na cidade de Vitória da Conquista, das crianças e adolescentes atendidas pelo Programa Sentinela por abuso sexual foi de 31,26%, perdendo apenas para a agressão física que é de 36,36% durante o período de novembro de 2001 a outubro de 2004.

Os dados revelam que para os adolescentes do sexo masculino, preconceito/tabus e aborto (26,78%) e homossexualidade (19,64%) foram os menos citados. Para as adolescentes, a homossexualidade obteve (38,71%) enquanto preconceitos/tabus foi citado por (32,26%), portanto estes temas talvez tenham sido pouco citados porque como observa Carrara (2009) “a manifestação da sexualidade humana se dá quando somente o homem pode desejar a mulher e a mulher desejar o homem a partir de “instintos naturais” ou apenas de impulsos, genes ou hormônios”, confirmando assim o senso comum já impregnado nos alunos por questões sociais e culturais. Por outro lado, o desinteresse apresentado pelos alunos a respeito dos tabus e da homossexualidade deva ser porque “a escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual”, na perspectiva de Louro (2007) que ainda acrescenta,

A escola nega e ignora a homossexualidade e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância (LOURO, 2007, p.30).

Em relação aos pais e/o responsáveis pelos alunos, 65 participaram desta pesquisa. Destes, a maioria (93,85%) considera importante seu filho receber informações sobre OS na escola e apenas (3,08%) considera que não é importante, conforme dados apresentados na tabela 03.

**Tabela 03 – Você acha importante seu filho receber informações sobre Orientação Sexual na Escola?**

	N	%
<b>SIM</b>	61	93,85
<b>NÃO</b>	02	3,08
<b>NÃO RESPONDEU</b>	02	3,08



Dos 61 pais e ou responsáveis que responderam ser importante a OS para seus filhos, (73,77%) justificaram enquanto (26,23%) não justificaram. As justificativas estão apresentadas na tabela 04, inclusive dos que não concordaram com esta afirmação.

**Tabela 04 – Por que você acha importante seu filho receber informações sobre OS na escola?**

RESPOSTAS	N	%
Sim/sem justificativa	16	26,23
Sim/com justificativa	45	73,77
- Aprende a evitar doenças e gravidez indesejadas	5	11,11
- Há liberdade para falar com outras pessoas	2	4,44
- Há vergonha de ensinar para os filhos	10	22,22
- A escola orienta melhor	12	26,67
- Informa para não praticar o sexo	1	2,22
- É importante	7	15,55
- O mundo está evoluído	3	6,67
- Aprende coisa errada com os colegas e na internet	2	4,44
- Há violência	2	4,44
- Falta diálogo com os filhos	3	6,67
Não/sem justificativa	1	1,64
Não/com justificativa	1	1,64
- Acha que desperta a curiosidade dos filhos	1	100

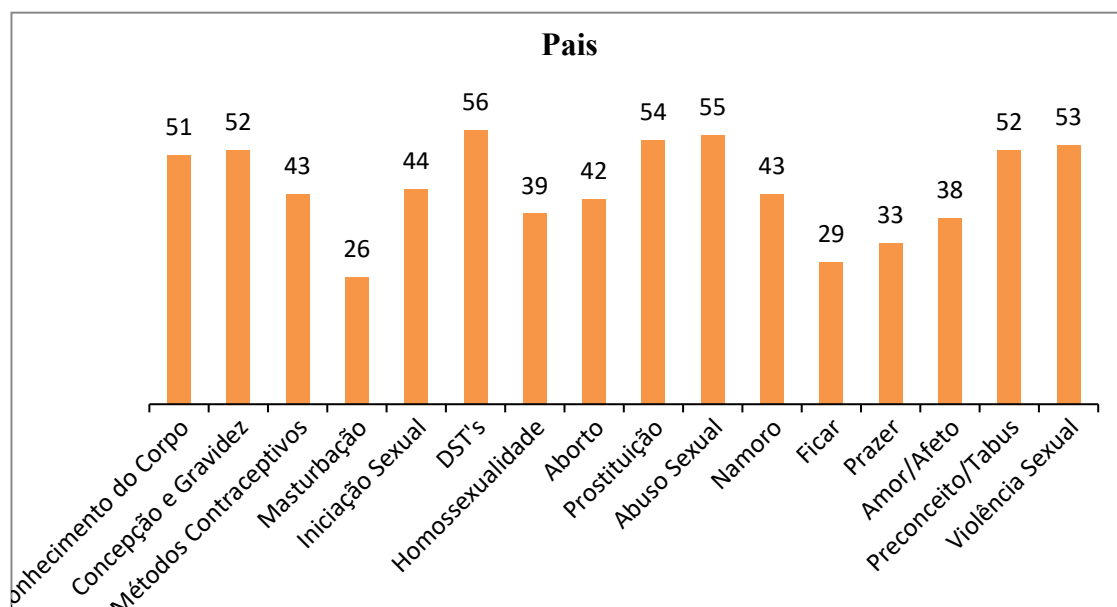
Importante destacar que a família, a sociedade e a escola, segundo Jardim e Bêtas (2006) “são as instituições básicas para o desenvolvimento das ações educativas, ajudando o adolescente a enfrentar as situações de risco”. Entretanto, os dados comprovam a importância da escola apresentada pela família (26,67%) e a ausência na orientação atribuída pela vergonha (22,22%), portanto, para Jardim e Bêtas (2006), “a família mesmo que não dialogue abertamente sobre sexualidade, é quem dá as primeiras noções sobre o que é adequado, ou não, por meio de gestos, expressões, recomendações e proibições”.

Em relação aquele pai que respondeu não ser importante a OS para seus filhos conforme justificativa apresentada na tabela acima, Vitalle *et al* (2007) afirma que “a inclusão da OS nas escolas contribui para postergar a iniciação sexual e não há evidências de que o ensino estimule a adolescente a ter relações sexuais”.

Quanto aos temas apresentados pelos pais, os mesmos estão organizados no gráfico 02 e analisando-os percebemos que diferenciam bastante com os temas apresentados pelos alunos (namoro e “ficar”) uma vez que os pais e/ou responsáveis destacaram, DST, abuso sexual, prostituição e violência sexual. Estes temas exibem um sentimento de cuidado dos pais para com

seus filhos, embora devam ser considerados pelo processo histórico, social, cultural e político que é influenciado na sexualidade de cada pessoa.

**Gráfico 02 – Sobre quais temas relacionados a sexualidade você gostaria que seu filho recebesse**



informações na escola.

### Considerações preliminares

A sexualidade está presente em todas as pessoas e na adolescência é percebida com maior intensidade quando ocorrem as grandes transformações no corpo e na mente desses indivíduos. Assim, o acompanhamento por meio da orientação e prevenção é fundamental e a escola exerce um papel importante neste contexto.

Portanto, a inserção e/ou ampliação no trabalho desenvolvido pela escola na orientação sexual dos seus alunos pode e deve contribuir no desenvolvimento da sexualidade no sentido de promover a auto responsabilidade entre os jovens.

Assim, esta pesquisa investigou conhecer as necessidades em que a OS necessita pautar-se a partir das sugestões dos alunos do 6º ao 9º ano, dos pais desses alunos (ainda em andamento) e dos professores (aguardando para iniciar) no intuito de subsidiar trabalho pedagógico para ser desenvolvido posteriormente na escola.

Pretende-se a partir desta pesquisa conhecer os temas que os professores trabalham em relação a OS como trabalham e as dificuldades apresentadas para o desenvolvimento da temática. Além disso, contribuir para a melhoria na qualidade do ensino.

## Referências

ALTMANN, Helena; **Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero.** cadernos pagu.(21)2003pp.281-315.

ALVES, J. C. S; CHAVES, A. C. L; **As necessidades e dificuldades da orientação sexual na visão dos professores de ciências de Porteirinha-MG.** Disponível em [www.nutes.ufrj.br/abrapec/vienpec/CR2/p927.pdf](http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/vienpec/CR2/p927.pdf). Acesso em 15 de Abr. de 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual.** Brasília. 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas transversais.** Brasília. 1998.

BRASIL/MEC. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB.** Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/leis/L9394.htm>. Acesso em 22 de fevereiro de 2013.

CARRARA, S & *et al.* **Gênero e Diversidade na Escola: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais.** Caderno de Atividades. Rio de Janeiro: CEPESC. 226 p. 2009.

GIL, A.C; **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3ª. Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

JARDIM, D.P.; BRÊTAS, J. R.S. Revista Brasileira de Enfermagem- REBEn. **Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP.** 2006 mar-abr; 59(2): 157-162.

LIMA, E. B; **VI Colóquio Internacional – Educação e Contemporaneidade.** Sexualidade e Currículo Escolar: Um Diálogo a Partir da Legislação.São Cristovão-SE/Brasil. 2012. P. 1-14.

LOURO, G. L; (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Tradução dos artigos: Thomaz Tadeu da Silva – 2ª Ed., 3ª reimpressão – Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 176p.

NEVES, J. L; **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades.** Caderno de pesquisa em administração. São Paulo, v. 1., n. 3., 1996.

SANTOS, J.D;**Rompendo o silêncio: violência sexual contra meninas no espaço doméstico.** Disponível em [http://www.histedb.fae.unicamp.br/acer\\_histedb/.../1H8FBLtj.pdf](http://www.histedb.fae.unicamp.br/acer_histedb/.../1H8FBLtj.pdf). Acesso em 17 de abr. de 2013.

TONATTO, S; SAPIRO, C.M; **Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências.** Psicologia & sociedade; 14(2): 163-175; jul./dez.2002.

VITALLE, M.S.S. **Alguns pontos conceituais sobre sexualidade na adolescência.** Revista Paulista de Pediatria, [S.I], v. 21, nº 2, p. 89-94, 2003.

VITALLE, M.S.S; *et al.* **O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo.** Revista da Associação Médica Brasileira, 2007; 53(1): 14-19.

VITIELLO, N. **A educação sexual necessária.** Revista Brasileira da Sexualidade Humana, São Paulo, v. 6, nº 1, p. 18-25, 1995.